

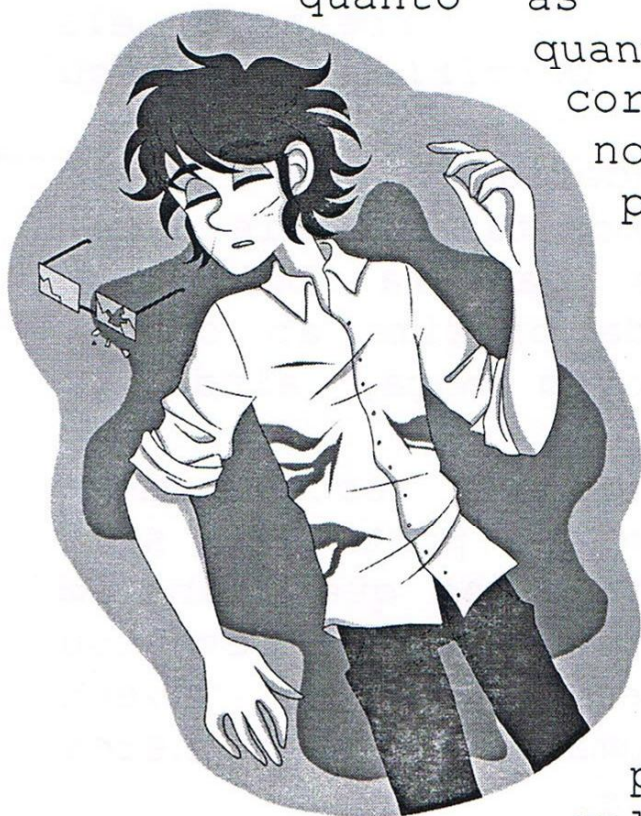
**AS FACES
DO CRIME**

Capítulo I

Ouviram-se gritos. Após, um imenso tumulto se formou.

"O que aconteceu?" - era algo que todos não paravam de se perguntar. Atirada em um canto estava a empregada, em estado de pânico, aparentando ter visto um cadáver. E de fato vira.

Há poucos metros, no chão, ao lado da cama, estava o Sr. Collins, ou o que restara dele. Era branco, tão branco quanto as nuvens e tão frio quanto o gelo. A única cor que era facilmente notada naquele corpo pálido era seu sangue, um vermelho tão vivo como o rubi.



- Devemos chamar um médico! - gritou alarmadamente uma das muitas empregadas presentes no local.

- Não será necessário, nada poderá trazê-lo de volta. Meu irmão já falecera. - disse friamente a Srta. Collins, que acabara de chegar ao alvoroço, avistando o cadáver.

Fora um crime brutal, quem o fizera sabia exatamente o que estava fazendo. Sr.

Collins não tinha marcas de luta, apenas longos e profundos cortes que se espalhavam por todo seu corpo.

- Chamem a polícia imediatamente e me deixem a par de todas as descobertas. Quem realizou esse ultraje deve ser punido. Agora, se me derem licença, vou voltar aos meus aposentos. E limpem esse quarto logo depois que os detetives tirarem suas conclusões. - e com essas frias palavras se retirava do quarto.

- Como pode ser tão impassível? Tão sem coração? Seu irmão morrerá e ela simplesmente volta a dormir! - comentou uma das mulheres.

- Não me surpreenderia se ela tivesse o matado. Por hora vamos tirar Marie daqui e seguir as ordens daquela bruxa. - sussurrava a empregada próxima ao corpo, que foi acudir a jovem moça, ainda em estado de pânico.

Alguns minutos depois escutaram-se sutis batidas na imensa porta da sala principal, eram os detetives que acabaram de chegar. Uma das empregadas se levantou e abriu. Ao entrarem, os dois jovens investigadores viram uma dúzia de mulheres histéricas e assustadas.

- O que houve? - perguntou o mais alto.

- O Sr. Collins... ele morreu... não... foi assassinado! -relatou uma das presentes, em prantos.

- Por hora vamos nos acalmar e nos

concentrar nos acontecimentos, mas antes, onde esta a Srta. Collins? - disse gentilmente o outro.

- Deve estar dormindo em seu quarto. - disse uma empregada, com tom de desprezo.

- Ela esta ciente do que se passa?

- Sim, está, mas pouco lhe importou, estava mais preocupada com a sujeira e seu sono do que com seu próprio irmão. - respondeu a mesma, com ainda mais desprezo.

- Chamem-na, é necessária a presença dela aqui!

- Eu é que não vou chamá-la. - retrucou rapidamente a empregada que se encontrava de pé ao lado da gigante escadaria que levava ao outro andar.

- Muito menos eu. - comentou a que estava ao seu lado.

- Eu vou! - disse Marie, que logo atravessou com dificuldades



imenso e espaçoso cômodo.

Poucos instantes depois, descera uma mulher com uma aparência enfurecida acompanhada de uma jovem pálida e assustada.

- Porque demônios me acordaram? - disse enfurecida a nova dona da mansão.

- Estamos investigando o assassinato de seu irmão.

- Já estou ciente disso, use tudo que precisar e me deixe por dentro dos acontecimentos. Não acredito que tenha descoberto algo, então não me atrapalhem até descobrir! E com essa declaração um pouco suspeita, deixou a gigantesca sala de estar.

- Talvez só esteja de luto! - disse um dos jovens detetives.

- Imagine, ela é sempre assim! Sem amor, sem vida... - disse murmurando uma das mulheres, temendo que a Srta. Collins a escutasse.

- Pois bem, preciso de todos os detalhes dessa noite. Sr. Collins brigou com alguém? Possuía algum inimigo? E por favor, não se esqueçam de mencionar o relacionamento entre ele e sua irmã. Mas principalmente quero saber quem encontrou o corpo primeiro. - disse com um tom confiante o detetive, enquanto seu ajudante abria seu caderno e a ponto de tomar nota sobre o incidente.

As empregadas entreolharam-se como se estivessem tomando coragem para relatar a

noite. E assim foi. Uma das que estavam um pouco mais tranquila começou:

- Bem, nessa noite houve um jantar com poucas pessoas, organizado pelo Sr. Collins, para tratarem de negócios.

- Esse é um detalhe muito importante. A senhorita poderia me dizer quem estava nesse jantar, e quais as suas relações com o Sr. Collins? - pediu novamente o detetive.

- Entre os presentes estavam o advogado da família, o Sr. Jones, que veio acompanhado da sua bela esposa. Houve uma certa discussão entre ele e o Sr. Collins sobre um processo que o envolvia. Estavam também o chefe executivo e sua esposa, o Sr. e a Sr. McCartney, que são, ou melhor, eram grandes amigos do falecido Sr. Collins. - fez uma pausa, tentando se recordar do que aconteceu e continuou - O jantar acabou logo após as nove horas da noite. Não tenho certeza do motivo, mas acho que era pelo fato do Sr. Collins não se sentir muito bem. Ele subiu aos seus aposentos por volta das nove e meia, o restante concluiu o jantar, se despediram da Srta. Collins, que era a única anfitriã que ainda restara no local. E por fim, saíram quase que juntos.

Os detetives olharam-se quase automaticamente. Depois disso, o ajudante começou a anotar com uma certa experiência os fatos.

- O relacionamento do Sr. e da Srta.

Collins era de fato um pouco amedrontador, ambos não trocavam afetos, nem por mais simples que fossem, apesar de serem irmãos. Era visível que o Sr. Collins não gostava de sua irmã, talvez pelo fato de que ela trouxera uma certa desonra a família, por negar-se incessantemente a se casar. Mas em algum momento ele deve ter percebido os talentos da Srta. Collins, pois ela começara a trabalhar em algumas questões do grande patrimônio. Sem ninguém saber, é claro...

- Mas ela não poderia tomar decisões sem consultá-lo, nem participar das reuniões. Era fadada a participar somente quando seu irmão achava necessário! - acrescentou outra empregada.

- Compreendo. Anote tudo Henry, cada detalhe é importante! - comandou o detetive em tom autoritário. O outro assentiu na mesma hora.

- Quanto aos inimigos do Sr. Collins, bem... Ele era um homem muito importante, sabe? Ter inimigos para ele era algo comum e inevitável, mas não parecia muito preocupado com isso. Embora não parecesse, era um homem confiante e meticuloso, não o imagino sendo pego tão facilmente. Não possuía muitos amigos, por ser alguém difícil de se conquistar. Mas mudava totalmente quando o assunto era sua bela esposa, Elisabeth Collins. - disse novamente uma delas.

- Entendo. A Sra. Collins já sabe do

acontecido? - questionou o detetive.

- Não. Pobre mulher, perdera seu tão amado esposo e nem possui conhecimento. Receio que ela só saberá quando voltar da França!

- França?

- Sim, ela partiu tem cinco semanas apenas, foi visitar sua mãe que está com sérios problemas de saúde. Não creio que retorne ainda esse mês...

- Bem, agora só falta me contar quem encontrou o corpo. - falou o detetive, encarando-as.

Todas se entreolharam, como se soubessem que isso fosse algo deveras importante, quando Marie, que parecia ter se acalmado um pouco, levantou-se e disse:

- Eu encontrei.

- Por que foi ao quarto de seu patrão, mesmo depois de ele ter subido por ter passado mal?

- Bem... O Sr. Collins e a Srta. Collins possuem hábitos estranhos, entre eles, estava tomar um chá de camomila pouco antes de dormir, para acalmar os nervos.

- Bem, deveriam aumentar a dose para a Srta. Collins, pois não tem surtido muito efeito! - brincou o ajudante, que foi rapidamente repreendido pelo detetive.

- A senhora sabe que, como encontrou primeiro o corpo e como foi encontrada próxima a ele, é uma suspeita. - acusou o detetive com um tom frio e incriminador.

- Por Deus, por Deus! Jamais faria isto, por favor, acreditem em mim, jamais poderia fazer mal a alguém! - choramingou Marie ao ouvir aquelas palavras, mais pálida e desesperada do que antes. Algumas das empregadas que estavam próximas a ela tentaram acalmá-la, dizendo palavras gentis e positivas.

Como estava muito tarde, ambos, o detetive e o ajudante, acharam melhor voltar pela manhã, mas antes trataram de alertar as empregadas de que ninguém deveria entrar naquele quarto. Para terem mais certeza de que isso aconteceria, o detetive trancou o cômodo, sem tocar em nada, logo após os peritos retirarem o corpo. Quando estavam dirigindo-se à porta fizeram uma pergunta:

- Além do falecido Sr. Collins, a casa só é habitada por mulheres?

- Não, há também o jardineiro, mas me parece que ele fora visitar a casa de sua mãe esta noite! - respondeu rapidamente uma delas.

- A casa da mãe dele é muito longe daqui?

- Na verdade não, é aqui mesmo, em Londres, porém em um bairro mais pobre.

- Entendo. Passar bem, senhoras. - despediu-se o detetive enquanto se retirava da residência junto a seu fiel ajudante.

Assim que saíram, o silêncio tomou conta da enorme mansão. Estariam seguras

ali? Procurando afastar tais pensamentos decidiram ir dormir.

Ainda pela manhã era possível sentir um clima sombrio na atmosfera. Passado um pouco das oito horas, Srta. Collins desceu para seu habitual café. Mesmo sendo uma mulher forte e sensata, era possível ver que aquilo a abalara emocionalmente, seu rosto que era sempre muito uniformemente sério, estava com pequenas olheiras. Os sussurros que eram habituais entre as empregadas cessaram-se, não se ouvia um único barulho entre elas. Srta. Collins sentou-se, permaneceu imóvel por um tempo, após decidiu tomar apenas uma xícara de café, ignorando a bela mesa de café da manhã que havia sido posta apenas para ela.

Em seguida, sentou-se no sofá da imensa sala principal, pegou seus papeis e seguiu observando-os minuciosamente, como se sua vida dependesse daquilo. As empregadas observavam-na com um desdém muito aparente, mas não falavam, nem sussurravam nada, decidiram respeitar o estranho luto da moça.

Poucos instantes depois, chegara o jardineiro que ficou surpreso com o grande silêncio que reinava na casa. Mas como tinha afazeres, decidiu não perguntar nada, apenas pegou suas ferramentas e foi para o belo e lustroso jardim.

Srta. Collins, que havia permanecido concentrado na sua tarefa, ergueu os olhos

e chamou a governanta da casa.

- Susan, venha aqui por gentileza.

- Sim, senhora. - disse imediatamente a mesma.



- Gostaria que você contasse ao jardineiro sobre o ocorrido, como ele não estava presente na noite anterior. Deixo essa tarefa com você. - disse a jovem mulher, voltando seu olhar ao imenso jardim onde se

encontrara o jardineiro.

- Como quiser, madame. - disse a governanta, que logo depois saiu da sala.

Chegando ao jardim, Susan viu rapidamente Hector, o jardineiro, que estava cuidando das belas rosas que ficam na parte da frente da linda mansão.

- Hector, a Srta. Collins me pediu para avisar-lhe da situação em que a mansão se encontra.

- Bem que notei que a casa encontrasse em um clima mais sombrio que o normal! -

disse o jovem jardineiro.

- O Sr. Collins... ele faleceu noite passada.

- Ó, céus, mas um homem tão jovem, do que ele morreu?

- Ele foi assassinado, Hector. Uma cena chocante para todas nós, você não faz ideia do quão terrível se encontrava o

corpo. O assassino possuía muito ódio do Sr. Collins para cometer um crime tão brutal.

- Já sabem quem fez isso?

- Não, os detetives

vieram até aqui

ontem à noite, mas não acho que tenham descoberto algo. Aliás, me pareciam jovens demais, não tenho muita fé neles, mas quem sabe...

- Quem sabe. - concordou o jardineiro, que rapidamente voltou-se a suas belas rosas.

Ao retornar a mansão, a governanta deparou-se com sua patroa ainda parada, quase que estática na frente daquelas anotações.



- Senhora, informei a Hector sobre a situação.

- Como foi sua reação? - questionou Srta. Collins ainda sem tirar os olhos de seus papéis.

- Ficou um pouco surpreso no início, mas depois voltou a cuidar de suas rosas, como se nada tivesse acontecido. - respondeu a governanta.

- Compreendo, pode voltar a seus afazeres, Susan.

Ao terminar sua frase a campainha tocou, Susan dirigiu-se até a porta.

- Bom dia.

- Bom dia. - disseram os jovens em um único som.

A governanta deu passagem para os dois entrarem, anunciando sua chegada a Srta. Collins. Logo depois foi dispensada pela patroa.

- Srta. Collins, não fomos apresentados, eu sou Eduard e esse é Henry, meu ajudante.

- Muito prazer, senhores.

- Temos muitas perguntas para lhe fazer, mas no momento devemos investigar a cena do crime. - informou o detetive com grande convicção.

- Entendo. Bem, chamarei uma das empregadas para levá-los.

- Não será necessário, já sabemos qual é o quarto, se nos der licença, iremos até lá neste exato momento.

E assim deixaram a sala principal e

dirigiram-se ao quarto da vítima, onde, com sorte, encontrariam algumas pistas sobre seu assassino.

Capítulo II

Ao entrarem no quarto, perceberam que nada havia sido tocado. O cômodo era grande, com uma larga janela com varanda onde se podia ver o lindo e bem cuidado quintal. Ao lado da janela, havia uma penteadeira com algumas cartas espalhadas sobre ela. A cama, um pouco mais próxima à porta, era coberta por uma linda colcha de veludo, e, à sua diagonal, havia uma grande mancha de sangue onde se encontrava o corpo de um jovem rapaz na noite anterior.

- Pois bem, Henry, me passe suas anotações. - solicitou o detetive em um tom autoritário.

- Temos muitos suspeitos dessa vez, Eduard, oito até agora. Mas, em minha opinião, apostaria todas as cartas na Srta. Collins! Me parece que ela é quem mais ganharia com a morte do irmão.

- Por que acha isso?

- Sem o irmão ela teria todo o patrimônio para si.

- Para si e para a esposa do Sr. Collins. Não sei, ela me parece uma suspeita óbvia demais, mas se foi mesmo a Srta. Collins nós iremos descobrir logo. - fez uma pausa enquanto o ajudante conferia as informações e continuou - Além do mais, ela é uma mulher muito inteligente, não acho que ela teria reagido daquela forma. Se tivesse sido ela quem o matou, teria ao

menos tentado encenar algo.

- Tem razão, sempre com ótimas deduções! Às vezes o invejo por isso... - comentou o jovem, cabisbaixo.

- Por mais que eu adore seus elogios, creio que não é hora para isso. Vamos investigar o local, se encontrar algo suspeito, me avise. - comandou o detetive, encabulado.

Dado poucos passos, Henry encontrou algumas pistas: cartas a serem enviadas e um punhal embaixo da cama. Ficou ainda mais animado quando viu que Eduard não havia achado nada.

- Posso ter uma boa dedução, mas sem você não encontraria coisa alguma. Somos uma ótima dupla. - elogiou o detetive, fazendo com que os olhos do ajudante brilhassem.

O punhal havia sido um grande avanço. Era possível ver que era um objeto caríssimo e de alta qualidade, possuía também as iniciais "S.C." gravadas na lâmina.

- Sebastian Collins?

- Então o assassino matou o Sr. Collins com sua própria arma? - questionou o ajudante.

- É o que parece, não?

- Não é?

- Não ponha palavras em minha boca, essa faca não possui fio. - mostrou o detetive deslizando-a na própria mão, sem fazer nenhum corte.

- Então o assassino não o matou com ela?

- Não, parece que ele quis que pensássemos que o Sr. Collins havia se matado com seu próprio punhal, mas não checou se ele possuía fio. Apesar de ser inteligente, não planejou as coisas com o cuidado necessário.

- Talvez não contasse que alguém como você apareceria! - exclamou o ajudante.

- Sempre muito gentil Henry. Com esse achado não poderíamos considerar a Srta. Collins...

- Por que diz isso?

- A Srta. Collins é muito inteligente, mas, além disso, também é muito cuidadosa, algo que nosso assassino não é.

- Acha que não pode ser ela?

- Não me entenda mal, talvez ela esteja por trás disso, poderia ter contratado alguém para fazer o serviço, mas com certeza não foi ela quem matou.

- Como pode afirmar isso?

- Me acompanhe. - demandou o detetive, dirigindo-se ao salão principal.

O salão permanecera vazio, a não ser pela presença de Amanda Collins, que ainda se concentrava em suas misteriosas anotações.

- Srta. Collins? Tem um minuto? - pediu Eduard, educadamente.

- Sim, mas seja breve.

- Sobre os empregados, quem os contratou?

- Fui eu mesma, por quê?

- Gostaria de saber que meio usou para fazê-lo. São todos de confiança?

- De confiança eu não sei, mas eu mesma investiguei o passado e a personalidade de todos, assim como suas habilidades.

- Muito grato. - agradeceu o rapaz, se retirando do local junto com seu colega.

- Algum motivo em especial para me questionar sobre eles? Algum suspeito? - perguntou ela, interessada.

- Até o momento não, mas sinto que demos um bom avanço. - afirmou o detetive, pensativo.

- Ótimo, assim que descobrirem algo importante me avisem. - determinou Srta. Collins, voltando às suas anotações.

Com isso, ambos voltaram ao quarto da vítima, em silêncio. Chegando lá, o humilde ajudante questionou:

- Por que não contou a ela sobre o punhal?

- Isso é uma pista, não podemos nos dar ao luxo de contar a todos! - retrucou o detetive.

- Ela ainda é suspeita?

- Sim, mas, como disse, não foi ela quem matou. Pense comigo, a Srta. Collins é tão cuidadosa a ponto de investigar o passado de todos os funcionários, mas ainda sim deixaria um punhal sem fio como prova?

Um momento de silêncio se passou enquanto Eduard observava a penteadeira, procurando por mais pistas.

- E quanto às cartas? - perguntou o detetive dirigindo-se ao pequeno móvel de madeira.



- Parece que são todas para sua esposa, mas tem uma um tanto interessante. - relatava o ajudante, seguindo os passos do colega.

Uma das cartas era escrita com uma letra formal e legível em uma folha de papel inteira, de modo que não houvesse má interpretação do destinatário. Henry a leu em voz alta.

Cara Marie,

Os momentos que passamos juntos foram ótimos, mas estou completamente apaixonado pela minha esposa. Sinto muito, mas terei que acabar com nosso complicado relacionamento.

Sebastian Collins

- Que ótima pista! - disse Henry em uma mistura de entusiasmo e satisfação.

- É, mas isso complica um pouco mais as coisas. - refletiu Eduard.

- Ó, céus. Agora não entendo mais nada! Para mim parece tão óbvio. Sr. Collins havia acabado seu relacionamento com Marie e ela, como forma de vingança, o assassinou. O que há de complicado nisso?

- Esqueceu-se de dois grandes detalhes, meu caro Henry. Primeiramente, se essa carta estava no quarto do Sr. Collins, é um sinal de que ela não havia sido entregue, em outras palavras, Marie não recebeu a carta, portanto não sabia de sua existência nem de seu conteúdo. Além disso, ela estava completamente em pânico ao ver o corpo do Sr. Collins, não acho que a garota tenha tanto talento assim para atuação.

- Bem que eu achei exagerado... Se bem que Marie não havia encontrado o corpo de seu chefe, havia encontrado o corpo do homem o qual ela amava e mantinha um relacionamento.

- Como pode deduzir isso com tanta convicção? - indagou o detetive.

- O quê? Que ela o amava? Simples, você tem um dom para mistérios e eu para os sentimentos das mulheres! E também por causa desta carta. - concluiu Henry, mostrando outra carta ao amigo.

A segunda carta era escrita em um pedaço de papel pequeno com marcas de

dobradura, como se fosse um bilhete confidencial. A caligrafia do escrito era jovial e doce, e suas palavras apaixonadas como a mulher que as escrevera. O garoto novamente leu os dizeres em voz alta.

Querido Sebastian,

Sinto sua falta. Como sua esposa viajou pensei em nos encontrarmos de novo como fazíamos antigamente.

Com amor, Marie.

- Entendo... Mas isso me levantou uma suspeita. - o detetive fez uma pausa, pensativo, e logo depois prosseguiu - Henry, eu quero que você vá até a cozinha e peça dois chás de camomila, e, quando estiver voltando, ofereça uma das xícaras a Srta. Collins com a desculpa de que você lembrou que eu não bebo chás ou algo do tipo. Assim que terminar volte imediatamente para cá.

- Claro, mas não vejo no que isso vai ajudar. Droga, odeio chá de camomila!

- Eu sei, mas, por favor, se esforce em saboreá-lo na frente da Srta. Collins.

- E se ela não quiser?

- Volte para cá com as duas xícaras.

Assim, Henry obedientemente seguiu todas as ordens, e passados apenas alguns minutos, ele retornou com as duas xícaras de chá, ainda confuso. Observando isso,

Eduard exclamou:

- Não gosta de chá de camomila? Isso nos leva a outro lado do crime!

- Correto, ela disse que não suporta chás, mas não entendo como isso pode ser tão animador...

- Reflita comigo. Marie disse que estava levando chá de camomila ao Sr. Collins na noite do assassinato, e disse também que esse era um hábito em comum entre irmão e irmã. Porém, a Srta. Collins disse que não suporta chás, o que nos leva a concluir que a empregada não levou chá algum para o quarto naquela noite. Veja ao seu redor, não há bandeja ou xícara de chá aqui. Só nos restam duas hipóteses quanto a isso. Talvez ela tenha vindo se encontrar com o Sr. Collins antes do ocorrido...

- Mas ele não queria mais esse relacionamento! - relutou o ajudante.

- Certamente, mas ela não sabia disso. Afinal, a carta continua aqui. A segunda hipótese é que ela teria o assassinado, e que ela de fato é uma ótima atriz.

- Realmente, me parece muito plausível.

- Na verdade, nem tanto... Se ela o amava por que o matou?

- Talvez porque ele havia dito que não a queria mais?

- Aí que está o problema. Ele deveria estar sóbrio para dizer isso, e por mais que eu ache que o Sr. Collins não era de

fato muito forte, ele ainda sim conseguiria se defender do ataque de uma mulher.

- Então aquele dito mal estar que ele teve pode ter sido algum envenenamento para matá-lo? - perguntou Henry, surpreso.

- Creio que sim, mas isso acaba dificultando ainda mais o nosso trabalho. Não podemos descartar ninguém mais que a Srta. Collins como assassino, mas ainda preciso da perícia para relatar isso com mais certeza.

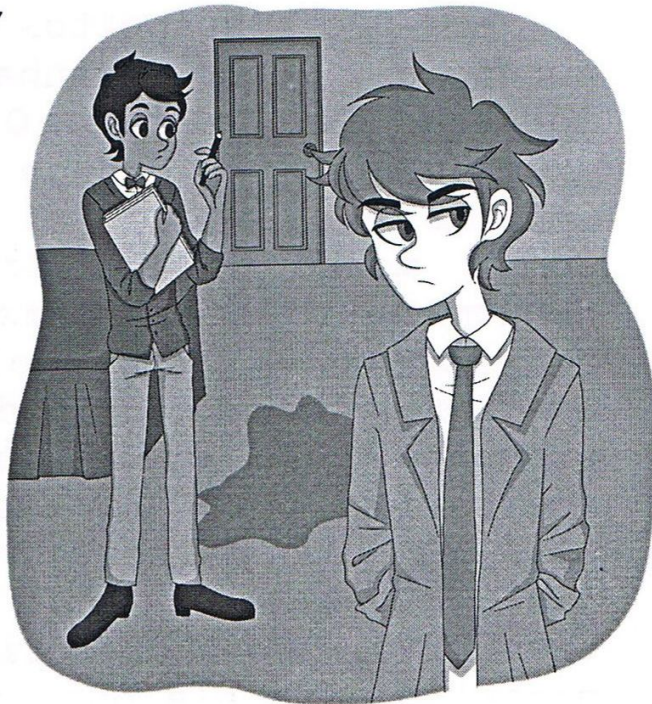
O quarto foi tomado pelo silêncio dos dois jovens. O detetive atravessou o quarto e parou em frente à janela e observou atentamente o jardim. Passado alguns instantes, disse:

- E ainda temos o jardineiro...

- Acha que ele pode ser um suspeito?

- Com toda certeza. E se o Sr. Collins tivesse mesmo passado mal sem nenhum envenenamento? Aquele jardineiro poderia facilmente matá-lo. - proferiu Eduard, observando o jovem e forte jardineiro.

- Que caso complicado. - resmungou



Henry.

- Complicado não, eu diria confuso.

- Mas ainda tem o Sr. e Sra. Jones e o Sr. e Sra. McCartney, que também compareceram ao jantar. O que pensa sobre eles?

- São suspeitos com um grande potencial, todos ganhariam muito com a morte do Sr. Collins. O Sr. McCartney, por exemplo, é um grande amigo da família Collins e pelo que sei é bom em finanças. Com a morte do Sr. Collins, não haveria nenhum outro homem para assumir a direção da empresa. A Srta. Collins participaria, é claro, mas não poderia estar sempre presente. Não creio que os acionistas a aceitariam para um cargo tão importante por ser uma mulher. Assim, ficaria tudo nas mãos do Sr. McCartney, chefe executivo, e não seria difícil desviar dinheiro para ele ou algo do tipo. E ainda temos o importante fato de que ele estava na mansão na noite do crime e poderia muito bem ter envenenado o Sr. Collins e pago alguém para fazer o trabalho sujo. Ou ter feito isso ele mesmo.

- Certo, mas e o Sr. Jones? Não vejo motivos para ele ter feito algo.

- Mais um terrível engano, caro Henry. Andei investigando um pouco sobre ele. Esta manhã, enquanto você ainda dormia me aventurei pelo centro da cidade atrás de informações, e você se surpreenderia com o que descobri sobre o homem! A família dele

é uma grande rival do império Collins, mas ele decidiu não assumir os negócios da família e por uma incrível coincidência veio trabalhar para seu maior rival no ramo dos negócios.

- Coincidência? Achei que não acreditasse nisso. - indagou Henry.

- E não acredito meu amigo. - afirmou Eduard, com um sorriso maroto.

- Então Sr. Jones poderia tê-lo assassinado? - falou o jovem, ainda mais confuso.

- De fato. Ele possui um motivo e um alibi, assim como todos os outros.

- Você me parece um pouco hesitante, não acha melhor pararmos por hoje?

- Não, posso ainda ter algumas dúvidas, mas nenhum dos casos anteriores que tivemos me pareceu tão interessante. - comentou o jovem, olhando para o vasto quarto, muito concentrado.

- Não vai parar até conseguir resolvê-lo, não é?

- Obviamente, Henry. Depositarei todos os meus esforços e utilizarei toda a massa cinzenta do meu cérebro se for necessário, mas com certeza absoluta eu lhe afirmo: vou pegar esse assassino. - alegou o detetive, pela primeira vez realmente entusiasmado com o caso.

- Vê-lo assim tão animado me faz querer ajudá-lo ainda mais.

No que mais posso lhe ser útil? - perguntou sutilmente o fiel ajudante.

- Obrigado. Por enquanto gostaria apenas que você fosse ao hospital e se informasse sobre o que os peritos descobriram sobre o corpo. Quando conseguir esse importante relato, volte para cá imediatamente e conte-me tudo nos mínimos detalhes, quem sabe assim eu consiga formar ao menos o perfil do nosso assassino.

Como sempre, o fiel amigo assentiu, e foi fazer exatamente o que lhe fora solicitado pelo detetive. Enquanto isso, Eduard ficou ainda mais calado e pensativo do que quando havia alguém por perto, andando por todo o recinto. Seus movimentos eram lentos, como se estivesse tentando imitar os possíveis passos do culpado.

"Era cedo, ninguém havia ido dormir, um assassinato deveria ser silencioso e discreto. Deveria ser alguém conhecido do Sr. Collins, um ataque inesperado pela vítima". Diversos pensamentos como esse se passaram pela cabeça do rapaz, mas o que veio em seguida pareceu mais provável. "Sr. Collins não morreu esfaqueado ou por algum meio que omitisse ruídos de dor. O assassino o envenenaria. A vítima se encaminharia ao seu quarto e logo após que morresse o culpado o esfaquearia, a fim de omitir a verdadeira causa da morte. Seria um crime quase perfeito."

Estava em um empasse. Seria seu assassino mais esperto do que ele

esperava? Havia ele o subestimado?

Passada uma hora, retornou Henry, quase sem fôlego por fazer a tarefa solicitada o mais rápido possível. Inspirou profundamente, a fim de recuperar o ar, e relatou a Eduard, que, de fato, a vítima fora envenenada, e que mais uma vez o detetive estava certo em suas brilhantes deduções.



Isso levava a investigação a um outro lado. O criminoso era sim inteligente e precisavam solucionar isso com rapidez. À medida que Eduard cogitava as novas informações silenciosamente, seu colega ficava ainda mais preocupado e nervoso, até que o aflito silêncio foi desfeito pelas gentis batidas na porta do quarto. Ao abrirem a porta, se depararam com uma figura cabisbaixa e pálida, como se sua vida não fizesse mais sentido. Era Marie, ainda triste pelo ocorrido, que viera chamar os detetives para o almoço, por ordens da Srta. Collins.

- Ela realmente o ama! - concluiu Henry, perplexo com a aparência deplorável

em que a jovem menina se encontrava.

- O amor, meu caro amigo, é uma arma muito perigosa. O coração de quem ama é como uma bomba prestes a explodir, ora de rancor, ora de ciúmes, ora de tristeza.

- Ainda acha que ela o matou?

- Suspeito que sim. Nós encontramos essas cartas com facilidade, o que nos afirma que ela também não havia as encontrado antes que pudesse recebê-las?

- Realmente, como é uma empregada, poderia entrar aqui em algum momento para limpar o cômodo. Mas isso dificulta ainda mais as coisas!

- Por hora vamos descer e nos alimentar. Estou faminto, quem sabe não conseguimos alguma pista enquanto saboreamos um belo almoço?

Henry fez um aceno com a cabeça e os dois desceram a grande escadaria em direção à sala de jantar. O lugar era imenso como qualquer outra parte da casa. Havia um elegante lustre preso no teto e uma linda mesa de madeira ao centro com um delicioso banquete que acabara de ser servido. Sentada na cabeceira da mesa em uma forma autoritária e respeitável, estava Srta. Collins devidamente alinhada e ereta.

"Que pena que é uma mulher, terrível engano do destino. Já possuí uma postura tão venerável assim, se fosse um homem seria implacável!", pensou Henry com seus botões.

- Sentem-se, cavalheiros. - disse a jovem, após os avistar.

- Obrigado, madame. - responderam ambos em um único som.

Sentaram-se e observaram a bela mesa posta à frente deles. Sem perder tempo, Srta. Collins indagou:

- Descobriram algo?

- Sim, Srta. Encontramos muitas pistas, mas até o momento temos muitos suspeitos. Aproveitando, a Sra. Collins já foi informada sobre o triste acontecimento?

- Enviei um telegrama hoje pela manhã. Espero que retorne o mais rápido possível, essa casa fica muito vazia sem ela, mais mórbida que o normal.

- Em algum momento pensaram em vender a mansão? - questionou o detetive.

- Meu irmão era louco por essa casa, já eu não a suporto. É linda, porém muito perigosa.

- Perigosa? - perguntou o ajudante, interessado.

- A escadaria é bela, mas já houve muitos acidentes a envolvendo. Meu pai caiu dessa mesma escada quando eu era mais nova. O mesmo aconteceu com o meu irmão uma semana atrás, mas ele jurava ter sido empurrado.

- A Srta. acha isso possível? - questionou o detetive, sem dar muita atenção.

- Olhe, é uma escadaria grande, ele

poderia facilmente escorregar e cair, ou alguma janela poderia estar aberta formando uma corrente de ar, dando a impressão de ter sido empurrado.

- É uma boa hipótese, Srta. - afirmou o detetive sem encará-la.

O almoço passou depressa, Srta. Collins parecia não possuir nenhum interesse em puxar qualquer assunto. Logo depois que concluíram a refeição, os detetives pediram licença e se retiraram.

Estavam novamente no local do crime, quando Henry fez uma expressão de surpresa e exclamou:

- Sinto muitíssimo, esqueci-me de lhe dar uma valiosa informação sobre o corpo da vítima!

Eduard mirou Henry com muito interesse, enquanto o garoto procurava algo em suas vestimentas.

- Foi encontrado isso na roupa do Sr. Collins. - continuou o ajudante, tirando do bolso da calça um pequeno pacote de plástico contendo um único fio de cabelo, que logo depois entregou ao detetive.

Eduard analisou cuidadosamente o recipiente plástico em suas mãos. Era um longo fio de cabelo ligeiramente louro e encaracolado.

- Parece ser da Srta. Collins, mas não tenho certeza.

- A Srta. Collins sempre usa seu cabelo solto, é bem possível que seja dela... - acrescentou o ajudante, que, ao

ver uma expressão duvidosa no rosto de seu colega, completou - O que fará agora, Eduard?

Um minuto se passou enquanto diversas hipóteses e hesitantes deduções se passaram pela cabeça do detetive, que andava de um lado para outro sem parar.

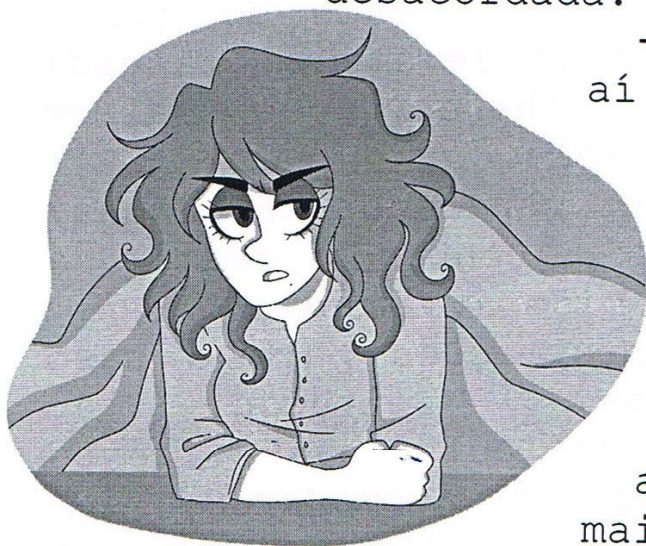
- Não sei Henry, não sei. - disse o detetive, observando o quarto ao seu redor.

Capítulo III

Era noite. Os detetives haviam ido embora pelo cansativo dia de trabalho. Srta. Collins fora para cama mais cedo do que os demais por causa de uma repentina indisposição logo após o jantar.

No meio da noite, Amanda Collins acordou com um estranho mal-estar e se dirigiu à cozinha, a fim de tomar uma xícara de café. Estava muito escuro, e, ao descer a escadaria, a moça caiu subitamente.

Logo que escutaram o barulho estridente, as empregadas da casa, ainda meio sonolentas, correram para ver o que havia acontecido, e, ao chegarem no salão principal, avistaram Amanda atirada no chão. Não conseguiram conter algumas risadinhas e a satisfação, porém a mesma instantaneamente se desfez quando perceberam que a patroa não estava desacordada.



- Vão ficar paradas aí ou vão me ajudar a levantar?

- Sim, madame. - disseram as empregadas em um único triste som.

Quando o atordoamento em sua maioria já havia

passado e já estava se sentindo melhor, Srta. Collins ordenou, enfurecida:

- Chamem os detetives neste exato momento!

- Sim, senhorita. - disse a governanta, que, contrariada, se encaminhou ao telefone, onde chamou os dois jovens.

Passado algum tempo, chegaram ambos. Eduard tinha no rosto uma expressão muito aborrecida, ao contrário de seu parceiro Henry, que contagiava a todos com seu enorme sorriso costumeiro e disposição.

- Em que podemos lhe ser úteis, madame? - solicitou gentilmente o rapaz, que aparentemente não se importava nem um pouco de ter sido chamado tarde da noite à imensa mansão.

- Tenho algo importante para relatar aos senhores. - respondeu ela, que havia se sentado ao sofá devido ao tombo.

Srta. Collins pediu licença às empregadas em um tom mais rude do que o normal, por ter ficado levemente zangada pelo deboche das mulheres, que saíram ofendidas da grande sala.

- Não poderia ter esperado até amanhã? - questionou Eduard, tentando omitir a fúria, mas falhando miseravelmente.

- Não. Tenho informações para o caso de vocês. Sentem-se. - retrucou Srta. Collins, indicando duas poltronas à frente do sofá. Assim que se acomodaram, sem questionar as ordens, a mulher prosseguiu

- Essa noite fui deitar mais cedo devido a um terrível mal-estar, mas acordei no meio da noite me sentindo ainda pior. Então desci a caminho da cozinha, e quando cheguei próxima à escadaria, alguém me empurrou!

- Não consigo entender como esse acontecimento pode estar ligado à morte de seu irmão. - disse friamente o detetive.

- Senhor, eu não sou tola. Sei que esse mal-estar é o mesmo que meu irmão supostamente tivera naquela noite. Seja lá quem foi o assassino, me parece que eu sou seu próximo alvo. Nós dois sabemos que aquele dito mal-estar não foi natural, meu irmão fora envenenado, e, pelo que parece, eu também.

- A senhorita tem certeza que não é apenas uma indisposição comum? - perguntou o ajudante.

- Absoluta.

"Teimosa como o Diabo", pensou Eduard.

- Pois bem, - continuou Henry - o que a senhorita deseja de nós?

- Quero que venham morar aqui. - disse Amanda, rigidamente convencida.

- O quê? - perguntaram os detetives em um tom de espanto, quase que juntos.

- Vocês residirão aqui até desmascararem o culpado, já está decidido! A governanta mostrará seus novos aposentos. O café da manhã é servido às oito horas, não se atrasem ou ficarão sem comida. - comandou Srta. Collins já

subindo a escadaria em direção a seu quarto.

Eduard e Henry continuavam sentados nas poltronas de sua nova morada, perplexos.

- E como disse anteriormente, me mantenham informada de tudo que descobrirem. - finalizou Srta. Collins. Logo que terminou sua frase, não era mais possível vê-la.

A governanta levou os dois colegas até seus quartos, que ficavam muito próximos ao do falecido Sr. Collins.

- Aqui estão. Desejo aos cavalheiros uma noite agradável. - disse a bela moça, abrindo as portas de ambos os quartos, que ficavam um na frente do outro.

Mal havia amanhecido e os dois detetives já se encontravam no local do crime.

- Você acha que é possível? - indagou Henry.

Eduard mirou o amigo em silêncio, a espera que o mesmo continuasse sua fala.

- Que ela tenha sido envenenada e empurrada da escada? - procedeu.

- Bem, se o assassino pretende acabar de vez com toda família Collins, não é impossível. Como o Sr. Collins já está morto, as duas únicas pessoas herdeiras são a Sra. e Srta. Collins, e visto que a Sra. Collins está a quilômetros de distância daqui, é bem provável que tentem

matar a Srta. Collins primeiro.

- Acha que foi isso mesmo que aconteceu? - interpelou o ajudante ao perceber que seu amigo andava mais quieto e distante do que o normal.

- Não, não acho que tenha sido isso o que aconteceu, por vários motivos. - respondeu o detetive, ainda sem dar muita atenção.

- Como quais?

Ele suspirou como se anunciasse rendição e logo em seguida falou:

- A Srta. Collins mudou de opinião rápido demais. No almoço de ontem, ela mesma disse que não acreditava que o irmão havia sido empurrado da mesma escadaria. Para mim, isso parece um tanto exagerado.

Ao ver que Henry continuava confuso com suas deduções, prosseguiu a explicação.

- A Srta. Collins disse que o irmão havia sido envenenado no jantar, mas nenhum de nós contou isso a ela, então como ela descobriu? Ela também disse que foi envenenada com a mesma substância que usaram no irmão, mas nós sabemos que isso não é possível, afinal, o veneno é letal. E por fim, ela caiu daquela enorme escada, mas mesmo assim conseguiu subir caminhando sem ajuda de ninguém até seus aposentos. Quais são as chances de isso acontecer e ela ainda assim sair ileso?

- Talvez a dose tivesse sido reduzida... E é possível cair de uma

escada sem se machucar! - objetou o ajudante.

- Que sentido haveria nisso? Tudo bem, é possível que tenham errado a dose, mas atirá-la de uma escada? Se a queriam morta deveriam tê-la esfaqueada, como fizeram com o Sr. Collins!

- Mas...

- Henry, estou começando a achar que você foi fisgado por essa mulher. Nunca lhe ouvi argumentar contra minhas deduções e agora está muito preocupado em arrumar uma forma que ela não pareça culpada!

- Não! Eu não fui "fisgado" por ela, só que me parece que a Srta. Collins não é a culpada! Eu mudei de opinião Eduard, ontem pensava que ela fosse, mas agora acredito que ela é inocente.

- Você se tornou um sentimentalista...

- Que seja.

Um vasto silêncio desconfortável tomou conta do recinto, os dois raramente tinham algum tipo de discussão. Henry fora analisar suas anotações procurando se distrair, enquanto Eduard, que aparentava um estranho nervosismo, ia de um lado para outro, entretido em seus pensamentos. De vez em quando, parava na grande janela e observava o jardineiro, sempre cuidando de suas preciosas rosas.

Depois de alguns minutos, Henry quebrou o silêncio, com o propósito de fazer com que os dois esquecessem o desentendimento.

- Descobriu algo?

- Na verdade, descobri algumas coisas.

- afirmou o detetive, um pouco mais calmo.

- Como o quê?

- Os quartos que estamos, são ao lado do da vítima. Se ambos se encontravam destrancados, seria um ótimo esconderijo para qualquer um dos nossos suspeitos. O culpado poderia entrar em um deles e aguardar todos irem dormir para terminar sua tarefa.

- Mas e se estivessem trancados naquela noite?

- Isso nos leva a minha outra suspeita. Uma casa desse porte abriga muitos cômodos e, conseqüentemente, muitas portas. Provavelmente, cada uma dessas portas possui uma chave, mas como não é nada prático carregar tantas chaves consigo de uma só vez, é bem provável que haja uma chave mestra. Consigo pensar em apenas duas pessoas para terem a posse dessa chave. A Srta. Collins e a governanta. E você, meu caro, vai descobrir isso para mim.

- Claro, farei o que desejar.

- Quero que vá até a Srta. Collins e pergunte se há alguma chave mestra na mansão. Se sim, peça tal chave, dando a desculpa de que precisamos investigar alguns locais da mansão que estão trancados. Enquanto isso, vou chamar a governanta até aqui para ver se ela a possui.

Algum tempo depois, encontravam-se duas chaves mestras no quarto.

- E agora? - perguntou Henry, sem saber claramente onde Eduard queria chegar.

- Sinto que avançamos um pouco.

- Sério?

- Não acho que tenham sido feitas duas chaves mestras. Suponho que alguma delas seja uma cópia. Mas qual? - perguntou-se ainda mais pensativo do que antes. Poderia ele relatar todos os fatos e esclarecer as questões não respondidas? Essas eram perguntas que passavam à sua cabeça, até que o alvoroço em sua mente foi interrompido por uma voz suave.

- Já possuí alguma ideia do que pode ter acontecido? - interpelou Henry, observando que o amigo havia mudado de expressão.

- Para falar a verdade já pensei em muitas, mas me parece que falta algo, o elemento principal que faz as engrenagens funcionarem.

- Imagino que já saiba o que fazer para encontrá-lo.

- Não exatamente. Devemos esperar mais um tempo, e depois, faremos um interrogatório com cada suspeito. Creio que aí tudo se encaixará.

Capítulo IV

Havia passado apenas duas semanas. Os detetives ainda estavam apreensivos, nenhuma pista nova havia surgido, estavam perdendo as esperanças. Perguntavam-se constantemente se conseguiriam pegar o assassino, ou se o mesmo ficaria impune. Ambos se encontravam no quarto do Sr. Collins, quando ouviram certo alvoroço no andar de baixo, se entreolharam e decidiram ir checar. Chegando lá, avistaram, no meio da roda composta pelos moradores da casa, uma linda mulher de olhos brilhantes e longos cabelos ruivos que caíam sutilmente sobre seus ombros, fazendo-lhe se destacar na sala. Era Sra. Collins, que acabara de chegar de viagem.

- Voltei! O que de tão importante é para me fazerem vir tão depressa? - questionou ela, fazendo com que Henry ficasse surpreso, sua personalidade agitada e agressiva não parecia combinar com seu rosto angelical.

Imediatamente, perceberam ambos, o detetive e o ajudante, que ela não sabia do que havia se passado na mansão na sua ausência. Logo que terminou sua frase, surgiu rapidamente a Srta. Collins, perplexa ao vê-la, que a conduziu até a biblioteca para conversarem.

Passaram-se dez minutos, quinze minutos, vinte minutos e nada das duas moças. Trinta minutos depois, voltaram da

biblioteca, Srta. Collins ainda com sua postura firme e controladora como o habitual, porém Sra. Collins era pálida e seu rosto entristecido, seus olhos inchados de tanto chorar já não brilhavam mais.

- Foi minha culpa, não deveria tê-lo deixado! Ele queria partir comigo, mas eu não deixei.

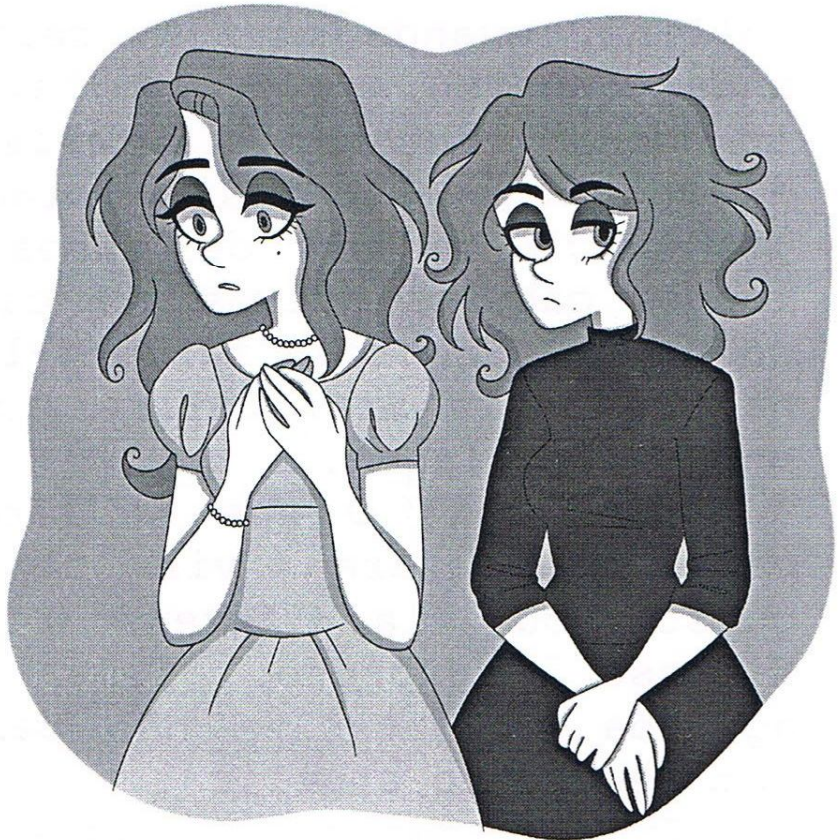
Agora nunca mais irei vê-lo! -
deplorava a pobre moça inconsolável, logo após que se sentou no sofá.

Algumas das empregadas que estavam ali tentaram confortá-la, a única que

permanecia sem uma atitude gentil era a Srta. Collins, o que já era costumeiro.

Depois de presenciar a triste cena, o detetive subiu, com Henry logo atrás. Dirigiram-se ao quarto do Sr. Collins, que a essa altura já era o local mais conhecido da casa para os dois.

Eduard estava inquieto andava de um lado para outro sem cessar, Henry como já



estava habituado com aquilo apenas sentou-se na cama e aguardou a crise de seu amigo passar. Poucos minutos depois ele se acalmou e sentou-se ao lado de Henry, ainda um pouco agitado. Seu amigo percebera imediatamente que ele havia descoberto algo, mas sabia que nada adiantaria perguntar. Essa era uma das diversões de Eduard: surpreendê-lo na hora do julgamento para depois caçoar dele. "Não percebeu mesmo? Nem depois de todas aquelas pistas?" e continuava assim por um longo tempo até o caso cair no seu esquecimento. Não iria tirar essa satisfação dele, então permaneceu em silêncio aguardando seu amigo se pronunciar, mas nada viera, nem uma simples palavra, ele apenas se levantou, endireitou seu sobretudo e saiu do quarto. Henry, que já estava acostumado com aquela atitude, apenas suspirou e o seguiu como sempre fez.

Desceram os dois, ao chegarem à sala, Eduard finalmente se pronunciou sobre o caso:

- Gostaria de me apresentar novamente, já que a Sra. Collins não estava aqui, ela ainda não sabe quem sou. Meu nome é Eduard Engelmann, sou um dos detetives responsáveis pelo caso do assassinato do Sr. Collins e esse é meu ajudante, Henry. Estamos hospedados aqui por ordem da Srta. Collins.

Logo que tais palavras ecoaram em seus ouvidos, a mulher que estava soluçando no sofá da sala, voltou-se à Amanda como se a questionasse se aquilo era verdade ou não. Em seguida, Srta. Collins assentiu com a cabeça, o que fez a mulher tornar-se para os jovens cavalheiros à sua frente e dizer.

- Sou Elisabeth Collins, esposa do falecido Sr. Collins, muito prazer e obrigada pelo seu trabalho duro.

- O prazer é nosso, senhora. - agradeceu gentilmente Henry, representando também as falas de Eduard, que permanecia calado apenas observando a jovem ruiva.

- Irão conseguir pegar o assassino de meu amado esposo, não é mesmo? - inquiriu ela, ainda em meio a soluços.

- Nunca falhei em um caso, senhora, e eu realmente não planejo cometer esse erro! - falou firmemente o detetive ainda imóvel no pé da escada. - Já imagino o que posso fazer para pegá-lo, mas precisarei da ajuda de todos vocês.

- Farei o meu melhor. - disse Sra. Collins, se animando pouco a pouco.

- Preciso que reúnam todos os envolvidos daquela noite aqui para amanhã bem cedo, quero fazer um interrogatório com um de cada vez e conseguir tirar algumas conclusões sobre o caso. - comandou firmemente o detetive.

Naquele exato momento todos se entreolharam, mas logo consentiram em um

aceno com a cabeça, um a um. Henry, que estava ao lado do detetive, recuou um pouco surpreendido, mas logo depois soltou um leve sorriso singelo. "Então essa é a forma que irá pegá-lo, não?", pensou ele consigo mesmo.

- Susan, chame todos, diga para chegarem aqui por volta das oito horas. - ordenou Srta. Collins em um tom impositivo.

- Como desejar, senhorita. - respondeu respeitavelmente a governanta, que em seguida deixou a sala junto com as demais empregadas para prepararem o almoço.

O dia se seguiu tranquilo, Srta. Collins decidiu continuar observando suas anotações como de costume, porém na biblioteca. A Sra. Collins continuava desolada, e decidira permanecer trancada em seu quarto, surpreendendo a todos. Os detetives, como sempre, estavam no quarto do Sr. Collins, Henry fazia suas anotações enquanto Eduard observava as duas chaves mestras que ainda permaneciam com ele.

- Família interessante, não? - comentou Eduard, entretendo-se com a grande chave que a Srta. Collins o cedera. Henry simplesmente parou e observou-o abismado. Estaria ele tendo suas crises de egocentrismo novamente? Mas como sempre decidiu não contrariá-lo e somente concordar com o amigo.

- Era assim enquanto o Sr. Collins ainda era vivo? Às vezes me pego pensando

nisso, nosso assassino deve ser alguém próximo, alguém que quis estragar ou possuir algo. Conseguir uma enorme fortuna talvez? Ter sua vingança por abandono? Não acho que nosso assassino o tenha matado sem uma razão. É como dizem, "apenas loucos matam sem um motivo", e o que presenciamos até agora não faz com que nenhum dos suspeitos se encaixe em essa descrição.

Seu olhar era perdido, pensativo, aquele caso estava realmente exigindo muito dele, seu ego havia sido ferido, fazia mais de meio mês que estava naquele caso. O próprio amigo havia pensado que seu parceiro não conseguiria, mas na manhã do dia seguinte tudo mudou.

Entraram todos um por um, a governanta, Marie, a Sra. Collins, o jardineiro, o advogado acompanhado de sua bela esposa, o casal McCartney e a Srta. Collins. Todos sentaram no imenso sofá que havia na biblioteca. Atrás da mesa localizada na frente das janelas do cômodo estava Eduard, em uma posição respeitável. Ao seu lado, em pé, se encontrava Henry. Todos os presentes estavam curiosos para saber o que os trouxera a mansão Collins tão inesperadamente. Após se acomodarem, o advogado começou a falar em um tom presunçoso:

- Realmente espero que seja algo muito urgente, tive que cancelar uma reunião com os acionistas da empresa por causa disso.

Ao escutar isso, Eduard irritou-se, mas logo que Henry colocou a mão sobre seu ombro, se acalmou ligeiramente e apenas soltou um profundo suspiro. Quando se encontrava um pouco mais tranquilo, comunicou:

- Senhores e senhoras, lamentamos pela tão inesperada convocação. Porém, o fato que me impulsionou a chamá-los é deveras importante. - quando terminou sua sentença, observou que Marie e a Sra. Collins começaram a choramingar silenciosamente, e, sem dar muita atenção a isso, prosseguiu - O Sr. Collins fora assassinado há três semanas.

Mal havia terminado seus dizeres, quando uma agitação tomou conta do local e todos começaram a falar ao mesmo tempo.

- Como isso ocorreu? - perguntou apavorada a Sra. Jones, segurando firmemente a mão do esposo, que lhe acalmara com um sorriso sutil e reconfortante.

- Que horror! Um homem tão jovem, tão cheio de vida... - disse a Sra. McCartney, pensativa.

- Acalmem-se, senhoras e senhores. Nós vamos resolver este caso. - alegou Eduard, tentando acalmar os convidados. Henry soltou uma silenciosa risada após imaginar os pensamentos do amigo. "Mulheres histéricas só vão atrapalhar a investigação", apenas o detetive percebeu sua risada e o repreendeu com um olhar, o

mesmo calou-se quase que imediatamente. Após ficaram um tempo refletindo sobre o assunto, o advogado levantou-se e disse:

- O que deseja de nós?

- Planejo fazer um interrogatório com todos. - respondeu friamente o detetive - Por hora, quero falar com a governanta. Quanto aos outros, podem se retirar.

Ao terminar sua frase, todos saíram do lugar, permanecendo apenas os dois rapazes e a governanta. Ela parecia tranquila,

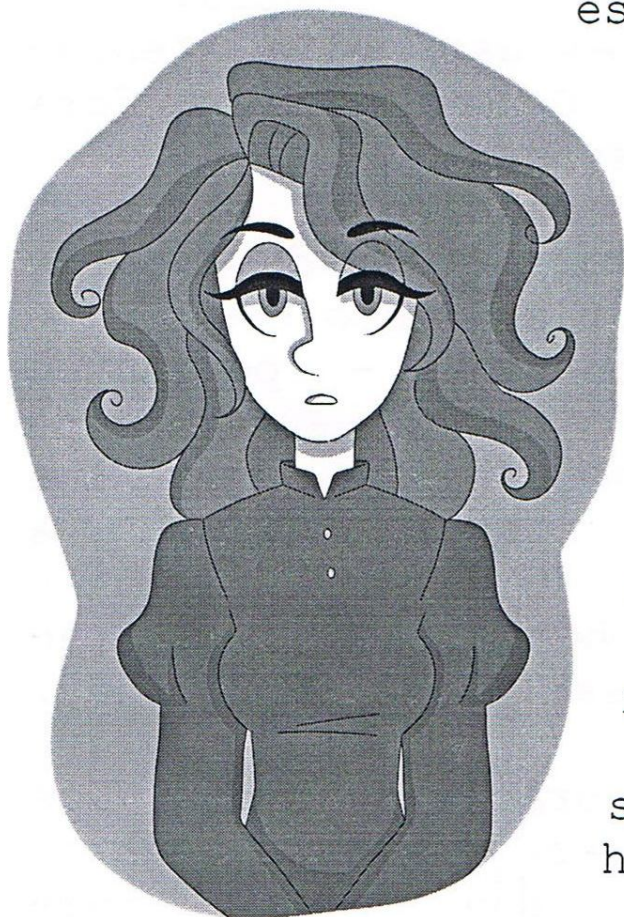
estável, não temia a nada. Enquanto Susan se dirigia a uma poltrona mais próxima à mesa, o detetive pediu educadamente ao ajudante que anotasse tudo que achasse importante.

Depois de alguns momentos, começou a primeira interrogação.

- Então, onde a senhora estava na hora do crime?

- Estava deitada, assim como todos. - respondeu ela, sem demonstrar nervosismo.

- Alguém poderia nos confirmar isso? - indagou o detetive firmemente, curvando-se para frente.



- Não, meu quarto é no segundo andar, enquanto os das empregadas são no primeiro.

- Compreendo. Onde ficam seus aposentos?

- No fim do corredor, à direita da escada. - respondeu ela, ainda indiferente.

- Quem a contratou para trabalhar aqui?

- A Sra. Collins.

- Tem certeza disso? - questionou curioso o detetive.

- Absoluta, nossas mães se conheceram no teatro quando éramos crianças e com isso viramos muito amigas. Minha mãe morreu há mais ou menos seis meses, e quando soube que estava passando dificuldades, ela me ofereceu este emprego. Trabalho aqui desde então.

- Obrigado, era só. - dispensou o detetive, dando de ombros. Henry, que estava ao seu lado, estranhou o tempo de duração, já que, geralmente, os interrogatórios que faziam demoravam muito mais.

A governanta levantou-se com classe e ao chegar perto da porta perguntou:

- Devo pedir que alguém entre?

- Peça a Marie, por favor, mas diga que espere cinco minutos até entrar aqui.

- Como desejar. - e, após terminar sua fala, a porta da imensa biblioteca se fechou.

- Anotou tudo? - questionou o detetive, voltando-se para trás.

- Cada detalhe. - respondeu prontamente o ajudante. - O que achou das respostas dela?

- Todas muito convincentes e aparentemente verdadeiras.

- Porque não a perguntou sobre a chave-mestra?

- Ela não sabe que temos conhecimento que há duas chaves. Planejo guardar esse trunfo para mais tarde. - relatou Eduard, levantando e dando uma volta pelo enorme cômodo. Assim permaneceu, andando de um lado para o outro, até que Marie entrasse. Quando a porta se abriu, ele rapidamente andou até a garota, o que fez com que a própria menina e Henry ficassem assustados. Após sentarem-se, o detetive começou a falar:

- Serei direto, sabemos sobre seu caso com o Sr. Collins, não adianta negar.

No mesmo momento, a empregada corou e seus olhos se encheram de lágrimas.

- Eu o amava mais que tudo! Daria minha vida por ele! Nada mais há sentido, não vale mais a pena viver!

- Descobrimos suas cartas de amor. - disse o detetive com um maléfico sorriso no rosto.

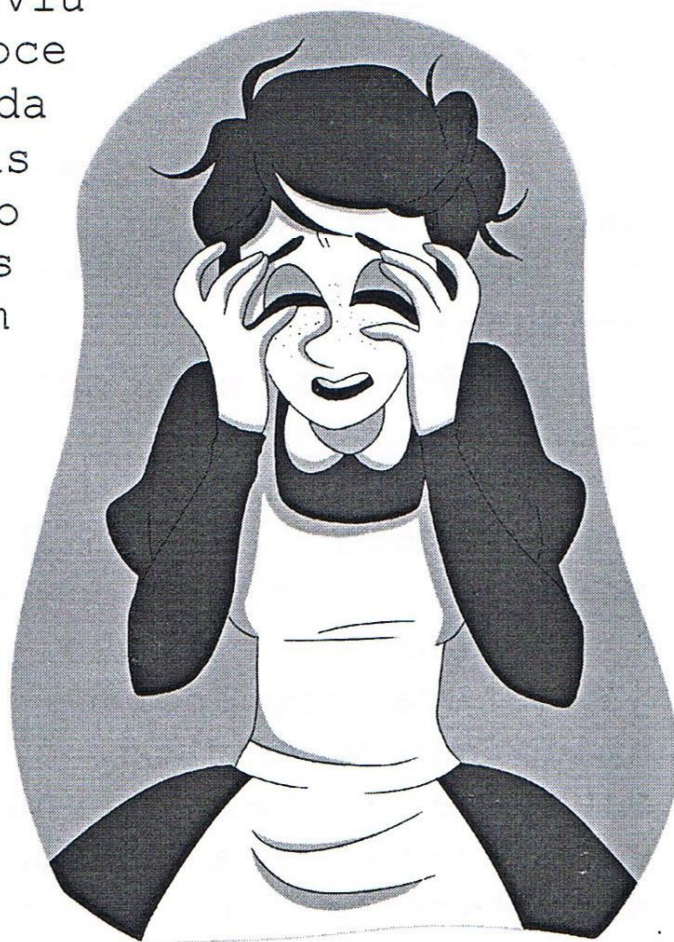
Logo que ouviu aquilo, a doce empregada ficou ainda mais vermelha, seus olhos já não conseguiam conter as lágrimas que vinham sem cessar. Soluçando, perguntou:

- A Sra. Collins... Ela... Sabe?

- Não pretendo me meter em tais assuntos. - respondeu o detetive seriamente.

- Só tenho uma pergunta. O Sr. Collins, tal como a Srta. Collins, nunca bebeu chá de camomila antes de dormir, não é verdade? Por isso não encontramos nenhuma bandeja com xícaras de chá no quarto. A senhorita foi se encontrar com Sebastian Collins naquela noite?

- Sim, os dois odiavam chás, e de fato fui encontrá-lo na noite de seu falecimento. Mas eu juro, não fui eu, jamais o mataria por razão alguma! O amava mais que minha própria vida, nunca poderia fazer-lhe mal. - confessou Marie, ainda mais emocionada do que antes.



- Obrigado pela sua ajuda. Poderia, por favor, chamar o Sr. e a Sra. Jones?

- Sim, senhor.

A garota atravessou o cômodo com passos curtos e sem vida, ainda abalada. Ao sair da biblioteca, Henry perguntou, confuso:

- Porque não contou a ela sobre a carta?

- Qual delas?

- A que o Sr. Collins relata que quer terminar o romance com ela.

- Não tem coração, Henry? A pobre moça já estava desesperada só sabendo que seu amado não vive mais, o que ela sentiria se soubesse que ele já não lhe amava? O que você faria se a pessoa que você mais ama simplesmente te esquecesse? - falou Eduard, mostrando seu lado emotivo.

- Tem razão... Não vi por esse lado. - disse Henry, cabisbaixo.

Assim que terminaram seu diálogo, entraram o Sr. e a Sra. Jones. Ele muito sério com uma aparência apática, e ela irradiava carisma e bom humor, embora ainda muito chocada com o falecimento do cliente de seu esposo. Logo que se sentaram, um ao lado do outro, o advogado resmungou:

- Seja direto, por favor, responderemos todas as suas perguntas.

- Não são muitas, fiquem tranquilos. Na verdade, apenas duas todas para o senhor, Sr. Jones.

Ao ouvir aquilo, o advogado ficou levemente apreensivo.

- Gostaria de saber qual foi o motivo da discussão entre você e o Sr. Collins na noite do assassinato. - prosseguiu o detetive seriamente, apoiando-se sobre a mesa.

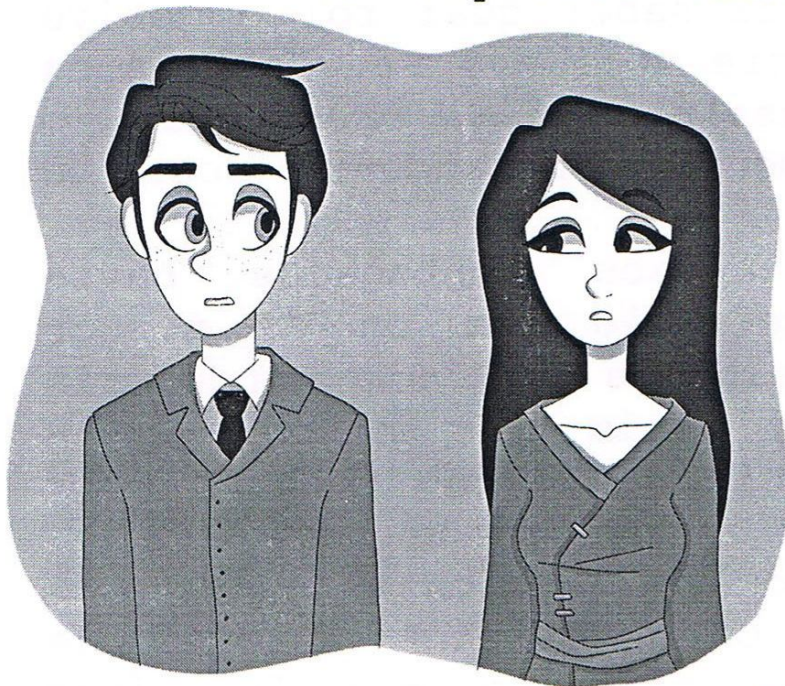
- Um de nossos empregados havia sofrido uma queimação com um de nossos produtos, trabalhamos em uma indústria química. Coisas assim são normais, mas aquele foi especial, ele não poderia mais trabalhar devido a sua grande lesão, e com isso, nos colocou na justiça e exigiu uma imensa fortuna. O Sr. Collins não quis se incomodar e lhe pagou o que lhe fora solicitado. Porém, fiquei contrariado, e disse que se pagar a todos os funcionários o que eles pedirem, a empresa irá à falência em pouco tempo.

Após ouvir aquilo, Henry ficou um pouco surpreso, não pelo motivo, mas sim pela expressão do amigo, que parecia satisfeita com a resposta.

- Muito bem. Então vamos a minha última pergunta. Por que deixou a empresa da sua família e veio trabalhar como advogado da família Collins?

No mesmo instante que ouviu aquelas palavras, Sr. Jones ficou paralisado como uma estátua de pedra. Depois de repetir mentalmente a pergunta do jovem várias vezes, o advogado e sua esposa se entreolharam, ela com um sorriso

entristecido e ele ainda com uma expressão de espanto. Enfim o advogado



pronunciou-se, levemente emotivo.

- Sabe, detetive... Meu pai é uma pessoa terrível. Cresci observando sua agressividade com as pessoas mais próximas a

ele, e isso fez com que minha mãe se afastasse dele. Quando eu tinha apenas dez anos ela foi morta. Meu próprio pai a matou, por ela ter um caso com o jardineiro da casa. Quando descobriu isso ele ficou enfurecido. Eu entendo que ele quis lavar sua honra com sangue, mas nunca me conformei com tanta agressão. Como poderia trabalhar para alguém assim? Como poderia ser o sucessor de alguém tão cruel?

O detetive apenas observou o casal se retirando, assim que agradeceu sua colaboração e os dispensou.

- Eu já sabia disso, apenas queria ter certeza de que a informação era verdadeira. Sobre o acidente do funcionário também, já havia falado com

alguns senhores que trabalham naquela empresa, queria apenas ter certeza de que ele falaria a verdade. - relatou enquanto bebia uma xícara de café que Marie havia trazido consigo. Embora um pouco surpreso com a perspicácia do amigo, Henry apenas lhe sorriu gentilmente.

O Sr. e a Sra. McCartney entraram na sala, ela sempre muito agitada e ele sempre sereno. Um completava o outro, ficavam em plena harmonia. Ambos sentaram-se e antes que o detetive pudesse ao menos pensar no que dizer, ela começou:

- Que tragédia, não é, querido? Um homem tão jovem com uma esposa tão bela e apaixonada! Faziam o par perfeito, assim

como nós. Já sabem quem foi?

Estaremos à disposição de vocês para ajudar no que for.

Eduard limitou-se a dar um suspiro, porém

silencioso, tão silencioso que apenas Henry ouvira. "Mulheres, mulheres. Sempre falantes, não as aguento isso". Depois de se acalmar iniciou o interrogatório.



- Bem, sou grato que tenham atendido meu chamado e vindo às pressas para cá. Tenho algumas perguntas a vocês. - os dois assentiram em resposta - Sr. McCartney, soube que a Srta. Collins estava ajudando com algumas questões do patrimônio. Isso é verídico?

Imediatamente, o mesmo assentiu com a cabeça e disse:

- Sim, ela ajudava em algumas questões. Escolhia os perfumes que deveriam ser postos à venda. Embora procurasse esconder, estava muito animada com a tarefa que lhe fora dada.

- Compreendo. - disse o detetive pensativo. - Sra. McCartney, a senhora era muito amiga da Sra. Collins, correto?

- Sim, nos conhecemos enquanto ela ainda trabalhava no teatro.

- Qual era o relacionamento entre ela e a Srta. Collins?

- Eram muito próximas, até assustava-me um pouco. A Srta. Collins, como o senhor deve ter percebido, é uma mulher um tanto... curiosa. - os dois detetives assentiram rapidamente com a cabeça, recordando a estranha personalidade de Amanda Collins. - Mas elas não pareciam se odiar, o que era estranho, pela personalidade ligeiramente diferente de ambas.

- Entendo. Bem, obrigado pela ajuda de ambos, foram muito significativas. Podem se retirar. - agradeceu Eduard, tentando

se livrar da falante esposa do Sr. McCartney.

Depois que o casal saiu, Hector entrou na sala e se acomodou em uma das confortáveis poltronas na frente da mesa do detetive. Estava calmo como de costume e não mostrava preocupação. Não havia tirado suas luvas, o que era sua marca registrada, algo que os detetives observaram no tempo em que foram obrigados a morar na mansão.

- Bem, soube que o senhor fora visitar sua mãe na noite do assassinato, está correto? - questionou o detetive em um tom astuto.

- Sim, ela ficou doente, então fui a visitar. - respondeu o jardineiro, usando a informalidade para com o detetive.

- O senhor trabalha aqui há muito tempo?

- Vim trabalhar aqui logo que meu pai foi demitido por um desentendimento com o Sr. Collins.

- Compreendo. Qual era sua relação com seu pai?

- Ele abandonou minha mãe quando soube que ela estava grávida, depois retornou alegando estar arrependido. Ele nunca pareceu gostar muito de mim, mas não importa, não gosto dele também.

- Grato por sua colaboração. Pode se retirar e chamar a Srta. Collins. - solicitou o detetive.

Momentos depois chegou Srta. Collins com sua personalidade habitual e seu cabelo cacheado balançando sobre seus ombros. Assim que se sentou, dirigiu a palavra aos jovens detetives antes que pudessem abrir a boca.

-Espero que tenham descoberto algo. - disse em um tom um tanto insolente.

Aparentemente, aquilo ofendera profundamente o convencido detetive, pois o mesmo respondeu em um tom ainda mais arrogante que o normal.

- Senhorita, deixe as perguntas para os profissionais, por favor. - e ao dizer isso, mostrou um sorriso irônico, o que deixou Amanda vermelha de raiva. Henry parecia estar se divertindo com a situação, deixando escapar uma leve risada, mas rapidamente foi repreendido por um olhar amedrontador vindo da garota. O mesmo calou-se instantaneamente, assustado.

Depois do pequeno conflito, Eduard procedeu com o interrogatório.

-Gostaria de saber quais eram os casos que a senhorita tratava na empresa.

Aquilo a surpreendeu levemente, por não estar esperando tal pergunta. Refletiu momentaneamente, mas depois deu um pequeno sorriso com o canto da boca e respondeu:

- Tratava de coisas simples. Meu irmão queria a opinião de uma mulher para saber em que produtos investir. A Sra. Collins, embora seja muito bonita, não entende nada

de comércio. Assim, para saber quais perfumes venderiam mais, ele me procurava e pedia minha opinião sobre eles.

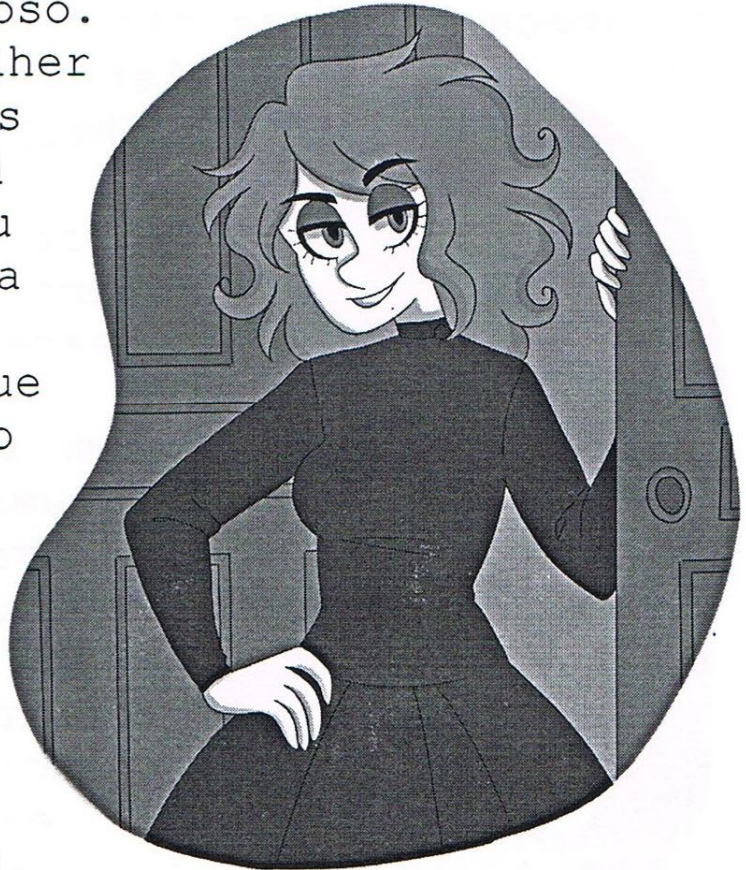
- Grato pela sua resposta. Pode se retirar e chame, por gentileza, a Sra. Collins. - pediu o detetive, presunçoso.

A jovem mulher deu alguns passos em direção à porta e dirigiu uma última palavra ao detetive.

- Espero que peguem logo o culpado. Tentei de todas as formas descobrir quem poderia ser, mas não consegui. Até que não são detetives tão ruins... Para dois garotos.

O detetive apenas assentiu com a cabeça, mas depois de perceber o desaforo e atrevimento nas palavras de Amanda, ficou ligeiramente zangado. Pensou em retrucar os dizeres da jovem, porém ela já havia se retirado da biblioteca.

Logo em seguida, chegou a Sra. Collins acompanhada de um lenço de seda. Seus olhos estavam vermelhos, parecia que tinha



chorado durante muito tempo. Sentou-se e sem perder tempo o detetive começou a interrogar, dessa vez de um modo diferente.

- *Comment était le voyage?*

A jovem viúva rapidamente assentiu com a cabeça, como se não tivesse condições de falar. Vendo a reação da mulher, prosseguiu:

- *Désolé pour la mort de son mari, la dame va bien se passer?*



A mesma assentiu com a cabeça enquanto algumas lágrimas ainda atravessavam seu lindo rosto. Permaneceu assim até a governanta entrar na biblioteca e anunciar que o almoço já estava pronto. Os três saíram e seguiram em direção à sala de

jantar que ficava próxima a imensa sala principal. Chegando lá viram todos os presentes devidamente acomodados. O almoço seguiu-se silencioso, Eduard nem tocou em sua comida, seguia pensativo. Após Henry acabar, ele se levantou, cumprimentou os demais e se retirou para seus aposentos. Seu bom amigo fez o mesmo.

Já eram quase seis horas e Eduard ainda não havia falado nada, se encontrava

trancado em seu quarto, o que deixou o amigo um tanto preocupado. Henry já estava preparando-se para dormir quando escutou batidas na porta. Ao abrir, avistou o detetive parado com um diferente brilho nos olhos. Aguardou alguma fala, até que o detetive o fez com um entusiasmo fora do habitual.

- Consegui resolver o mistério! Incrível, simplesmente incrível! Estava bem à frente de nossos olhos e eu nem imaginava!

- O que fará agora? - perguntou Henry, animado e perplexo com a inteligência do amigo.

- Não lhe parece óbvio, meu caro? Irei preparar meu espetáculo, é claro. Descanse, amanhã teremos um dia cheio. - e assim que terminou seu orgulhoso discurso, Eduard, todo cheio de si, foi em direção ao seu dormitório e fechou a porta.

Henry achou melhor fazer o mesmo, sabia o quanto Eduard gostava de se sentir o centro das atenções e sem dúvida alguma ela faria isso no dia seguinte, o dia do julgamento.

Capítulo V

Logo que amanheceu, os envolvidos foram chamados às pressas ao tribunal, todos participariam do julgamento. O único problema era que ninguém além do detetive sabia quem iria ser julgado e, com os nervos à flor da pele, não havia um entre os envolvidos que não estivesse curioso.

Todos estavam apreensivos, sentados na imensa sala onde haveria o evento. Na primeira fila, estavam o Sr. e a Sra. McCartney ao lado da Sra. e Srta. Collins. Bem de acordo com suas personalidades, Sra. McCartney estava ainda mais agitada que o normal, enquanto Sr. McCartney procurava acalmá-la a todo custo. Srta. Collins estava com seu semblante sério e enigmático como de costume, embora parecesse empolgada com a situação. A Sra. Collins continuava sem vida, era impossível vê-la e não sentir pena.

Na fileira seguinte estava a grande maioria: o jardineiro aparentemente contrariado, a governanta que parecia estar de mau humor, as empregadas, Marie, ainda deprimida, e Henry, um pouco confuso sobre a situação em que seu amigo metera todos.

Por fim, na terceira fileira encontravam-se o Sr. e a Sra. Jones, ele sempre muito sério e calado, ela sempre muito alegre e com um bom humor sem igual.

Henry parecia desesperado, não sabia o que Eduard aprontaria desta vez. Ele sempre amou holofotes, ser o centro das atenções, isso era o que o deixava mais contente, embora não expressasse muito isso para os outros. Quando se tratavam de casos, ainda mais os complicados como este, ele ficava com uma autoestima mais elevada que o usual, e procurava surpreender a todos, inclusive seu próprio parceiro. E aparentemente era realmente isso que estava acontecendo. Ninguém, nem mesmo Henry sabia quem era o assassino, nada poderia deixar o presunçoso detetive mais feliz que isso.

Alguns minutos depois, chegou o juiz, era um velho conhecido de Henry e Eduard, haviam se encontrado em outros casos, também muito significativos. Quando avistou Henry, o juiz se dirigiu até ele e sussurrou:

- Faz alguma ideia do que Eduard planeja fazer desta vez?

- Não faço à mínima, e o senhor? Tem alguma?

O juiz balançou a cabeça em sinal de negação e depois continuou:

- Teremos que esperar para ver. Bem, se me der licença vou tomar meu posto, estou realmente muito curioso para saber do caso e ouvir a dedução de Eduard. Disse ele que logo depois se afastou e sentou em sua lustrosa cadeira atrás de sua mesa.

Momentos depois, chegou finalmente Eduard, que fizera uma entrada triunfal. Seu sobretudo esvoaçava pelo corredor, até chegar ao centro da sala, onde iniciou sua fala:

- Obrigado por terem vindo. Sei que foi de surpresa, mas é para combinar com o assassino desse caso, que realmente me surpreendeu e que, presumo eu, surpreenderá a todos vocês. E para deixar bem claro, ele está nessa sala.

Logo que terminou sua frase, os suspeitos se entreolharam, muito desconfiados e perplexos. O detetive apenas deu um sorriso sarcástico para todos na sala, e depois pediu a Henry que lhe trouxesse suas anotações sobre o caso. Henry, embora um pouco surpreso tal como os demais, atravessou rapidamente a sala e levou a Eduard o que este havia pedido.

- Grato, Henry, pode se sentar e observar o espetáculo. - sussurrou o detetive, cheio de si.

- Então, declaro aberto o julgamento sobre o assassinato de Sebastian Collins. - disse o juiz batendo seu martelo. - Detetive Engemann, por favor, inicie.

- Obrigado. Bem, neste julgamento, decidi pedir para que não houvesse um promotor de acusação, então, eu farei as acusações e apontarei a vocês as pistas que obtive neste caso. -

O detetive continuava muito confiante, diferente dos demais, que ficavam mais

surpresos a cada palavra que ouviam, Srta. Collins, no entanto apenas limitava-se a franzir sua testa.

- Sei que a ausência de um promotor de acusação pode parecer um pouco... diferente, mas creio que assim seja melhor. - O detetive começou a transitar pela imensa sala com uma aparência séria. - Nesse caso, tivemos ao todo, nove suspeitos, e isso foi o que mais dificultou meu trabalho. Pois bem, antes devo alertá-los que o Sr. Collins foi esfaqueado, mas esse não foi o motivo de sua morte, e sim, um envenenamento que sofrera na mesma noite.

"Quando cheguei à mansão pela primeira vez, as empregadas me relataram que havia tido uma janta horas antes do assassinato. Pensei que a janta seria o disfarce perfeito para um assassino, por ter muitos suspeitos, o que me levou a desconfiar de quem poderia ganhar algum benefício com a morte de um rico empresário. Agora, contarei para vocês o que deduzi sobre cada suspeito.

Tanto o Sr. Jones quanto o Sr. McCartney ganhariam muito com a morte do Sr. Collins. O Sr. Jones, por ser de uma das principais famílias rivais da família Collins, perderia um forte concorrente, dando mais lucro à sua empresa. Já o Sr. McCartney poderia assumir o controle da empresa, devido às duas últimas herdeiras da família serem mulheres. No entanto,

depois de pesquisar muito sobre eles e suas esposas, conclui que tais motivos não se encaixariam com suas histórias, descartando-os da lista de suspeitos.

Com isso, voltei a analisar os moradores da mansão. Marie, sendo a primeira a achar o corpo, alegou que teria ido levar uma xícara de chá de camomila ao quarto de seu patrão na noite do crime, já que ele e sua irmã tinham esse hábito. Mas depois de ter o relato da própria Srta. Collins de que ela detestava chás, conclui que a empregada havia mentido sobre tudo. Entretanto, meu querido amigo, Henry, achou algumas cartas sobre a penteadeira no quarto da vítima. Em uma delas, Marie pedia a Sebastian que se encontrassem novamente, ou seja, os dois mantinham um amor secreto. Na outra carta, Sebastian dizia que não queria mais o relacionamento com Marie, o que me fez pensar que a rejeição seria o motivo perfeito para a empregada matar o amante. Mas ela nunca recebeu a carta, e aparentemente, o amava mais que tudo. A empregada estava impune."

Eduard fez uma pausa, se virou e fitou os presentes. Marie estava em estado de choque, não sabia o que dizer ou sentir. Seu tão querido Sebastian morreu sem ao menos retribuir seu amor e ela nem fazia ideia disso. Estava prestes a dirigir a palavra ao traíçoeiro detetive, que havia lhe garantido que não contaria nada, quando a jovem de longos cabelos ruivos

vociferou:

- Como assim? Não posso acreditar em tamanha afronta! Uma empregada? Ele me traía com uma mera empregada?

Sra. Collins estava furiosa. Seus olhos,

usualmente brilhantes e alegres, estavam repletos de fúria e desgosto. Cheia de raiva, a jovem se levantou e foi em direção à infiel empregada, mas foi repreendida pelo Sr. e Sra. McCartney que tentaram a acalmar. Srta. Collins dava pequenas risadinhas que passaram despercebidas por todos.



Vendo a desordem, o juiz clamou silêncio, e todos se aquietaram, Sra. Collins ainda muito inconformada. Com a sala silenciosa novamente, Eduard prosseguiu com seus relatos.

- Obrigado, meritíssimo. Onde eu estava mesmo? Ah, sim. Depois de descartar esses cinco supostos assassinos, me voltei a minha principal suspeita, Srta. Collins. Tudo indicava que ela seria a criminosa. A pouca importância com o falecimento do

irmão, a posse da herança de um grande patrimônio, e algumas pistas, como um fio de cabelo loiro achado no corpo da vítima e a posse de uma chave mestra. Mas esse crime não seria tão óbvio, nunca a descartei, mas também tinha quase certeza de que não era ela. Ela é uma mulher muito inteligente e cuidadosa.

"Outros dois suspeitos seriam a governanta e o jardineiro. Ela por ter a posse de uma outra chave mestra e ter o controle sobre o jantar, o que daria a oportunidade de envenenar a vítima, e ele por alegar ter visitado sua mãe que mora em outro bairro da cidade no dia do assassinato, o que poderia ser um bom álibi. O jardineiro também relatou que assumiu o antigo cargo do pai, por este ter sido demitido pelo Sr. Collins.

Mas mesmo com todas as pistas, todos os suspeitos, e todos os diversos motivos, ainda faltava algo, uma peça para finalizar o quebra-cabeça. E depois de duas semanas tentando desvendar esse mesmo caso, ela se mostrou. Na hora, não me dei conta que era ela, mas depois dos interrogatórios eu finalmente percebi. Sebastian Collins foi morto pela própria esposa."

Todas as cabeças se viraram para a bela moça e vários murmúrios aflitos foram escutados. Toda a raiva e descontentamento causados pela notícia da traição foram substituídos por uma expressão de

incredulidade. Percebendo o grande tumulto Eduard sorriu vitorioso e disse:

- Não se aflijam, damas e cavalheiros, pois eu, Eduard Engellman, lhes explicarei o que aconteceu. Na verdade, Sra. Collins não é a única assassina. São três culpados no total. Quando descobri isso, tudo se tornou muito claro.

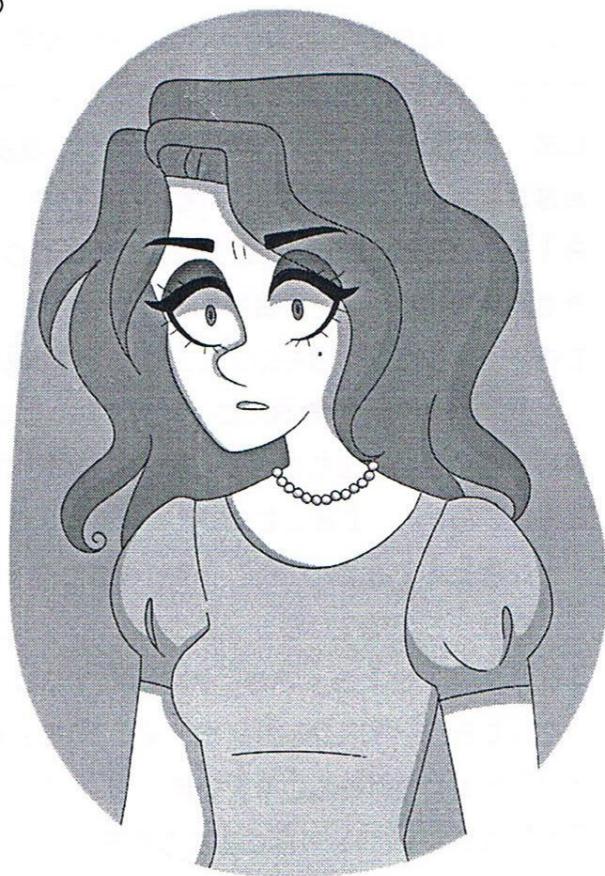
O detetive fez uma pausa dramática e continuou:

- Os assassinos são a Sra. Collins, a governanta e o jardineiro.

Rapidamente, as portas foram fechadas para que ninguém pudesse escapar.

A sala emudeceu. Todos estavam ainda mais atônitos com a revelação. A governanta e o jardineiro se entreolhavam sem saber o que fazer. Sra. Collins, muito pálida e chocada, mirou o detetive, que tinha um sorriso maléfico e orgulhoso em seu rosto.

- Como pode dizer isso? Era o meu marido! - retrucou a Sra. Collins, com um olhar odioso.



- Permita-me explica o que aconteceu a todos, madame. A Sra. Collins contratou a governanta. Mas ninguém sabia que essa era sua irmã, o plano todo já havia sido arquitetado. Sebastian Collins se apaixonaria pela atriz e se casaria com ela, pouco tempo depois, a mesma contrataria Susan. Passado um tempo ela iria supostamente visitar sua mãe na França, o que me deixou um pouco intrigado depois de descobrir que sua mãe havia falecido quando elas ainda eram crianças.

- Como pode ter certeza de que não viajei? Eu não estava na mansão aquele dia, todos sabem disso! - questionava Sra. Collins, tentando não aparentar a aflição e ansiedade que tomavam conta de seu corpo a cada segundo.

- Onde você estava todo esse tempo pouco me importa. No entanto, você cometeu um pequeno erro: a senhora não sabe falar francês. Que estranho, não? Uma francesa que nem ao menos fala a língua do país.

Eduard teve ainda mais vontade de relatar o que havia acontecido quando viu o desespero nos olhos da culpada, que não sabia nem o que dizer em sua defesa.

- Continuemos. Estava tudo correndo perfeitamente bem até sua irmã, Susan, se apaixonar pelo jardineiro e ele por ela.

- Quem lhe contou isso? - bradou a governanta, pela primeira vez demonstrando uma expressão de espanto no rosto.

- Boa pergunta, Susan. Por uma inesperada coincidência, quando eu e Henry estávamos investigando o quarto da vítima, me encaminhei até a grande janela e avistei vocês dois no jardim. Isso, é claro, me ajudou muito a culpar o jardineiro. Em algum momento, ele descobriu a ligação entre a patroa e a governanta, o que deixou a Sra. Collins preocupada. Com isso, ele a ajudaria em seus planos e esfaquearia o Sr. Collins para despistá-las. Mas para fazê-lo sem suspeitas, era preciso que todos pensassem que o mesmo não estava na casa, com isso inventou a história de sua enferma mãe. Para que ninguém descobrisse que ele estava lá, se trancou em um dos quartos próximos ao da vítima, foi aí que a chave mestra fora usada. Depois de a governanta envenenar o Sr. Collins e o mesmo subir devido ao mal estar causado pelo veneno, ele sairia do quarto e iria aos aposentos de Sebastian, e lá o esfaquearia.

Mas não contava que Marie iria lá, então quando a ouviu chegar se escondeu embaixo da cama e lá ficou durante um tempo. Quando todos, inclusive eu, já tivéssemos saído da sala, Susan iria até lá, destrancaria a porta e o tiraria do quarto. Mas por um infeliz descuido se esqueceu da faca que utilizou para fazer os cortes, a qual pertencia ao Sr. Collins.

Pouco tempo depois a Srta. Collins havia caído da escada, o que para mim soou um tanto suspeito, por eu ter pensado muitas vezes que era ela quem estava por trás de tudo isso, mas na verdade, ela fora empurrada pela própria Sra. Collins. Como a governanta e o jardineiro já eram suspeitos, não poderiam se dar ao luxo de parecerem ainda mais.

Com isso concluo meu relatório. Algum questionamento? - perguntou o convencido detetive após observar que todos na sala estavam admirados com seu raciocínio. Srta. Collins apenas deu um aceno com a cabeça seguido de um pequeno sorriso de aprovação ao garoto.

Poucos instantes depois, Henry se ergueu e o questionou:

- Mas e o fio de cabelo da Srta. Collins que encontramos no corpo da vítima?

Eduard parecia satisfeito com a pergunta, pois sorriu e lhe disse gentilmente:

- Obrigado por se lembra desse importante detalhe meu amigo. Bem, como Susan era a governanta e transitava por toda a casa, poderia facilmente pegar um fio de cabelo de uma escova da Srta. Collins e não ser notada, e assim, no momento certo, colocá-lo sobre o corpo do falecido Sr. Collins.

Assim que seu trabalho foi feito e todas as perguntas respondidas, Eduard

encerrou seu espetáculo, agradecendo a todos e deixando o restante para as autoridades. Ao terminar, se retirou do tribunal acompanhado de seu fiel assistente, Henry, que logo que teve a oportunidade, retrucou:

- Mas como?

- Simples meu caro, o tempo todo você pensou com seu gentil, até demais, coração. Isso é o que nos diferencia, eu penso como o assassino, procuro imaginar o que ele pensou naquele momento, e, para isso, não posso utilizar minhas emoções. - disse, em um tom triunfante, o detetive, que acabara de solucionar mais um caso aparentemente sem falhas.